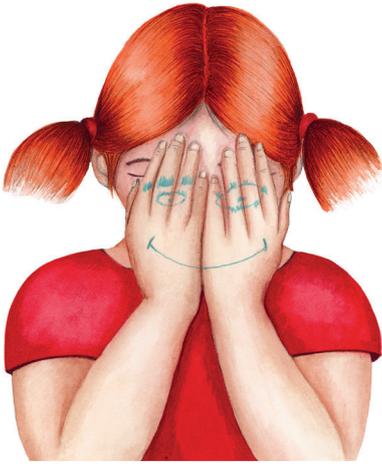


IGUALZINHO A MIM

Ana Maria Machado



© Maria José Arce

Resenha

Tanta gente tão diferente no mundo – como pode ser que sejamos todos ao mesmo tempo tão diversos e tão parecidos? Tem gente de cor de pele preta, branca ou amarela, tem gente alta e gente baixa, gente corpulenta e gente magra. Gente de cabelo cacheado ou liso, gente de cabeça raspada. Mas quase todo mundo atravessa a vida com um misto de tristeza e alegria, nos diz a autora. Muita coisa é muito diferente se alguém cresce morando na favela ou num apartamento, no campo ou na cidade.

As famílias mundo afora podem ser das mais variadas: há as numerosas e as pequenas, há quem tenha pai e mãe e quem tenha dois pais ou duas mães; há quem more com os tios ou com a avó. Seja como for, todo mundo precisa de afeto e proteção. Todo mundo precisa comer quando tem fome, beber quando tem sede, ter onde dormir quando tem sono. Todo mundo de vez em quando sente raiva, de vez em quando sente medo – e todo mundo precisa ser tratado com justiça. Tão parecidos em muita coisa, precisamos ser respeitados em nossas diferenças.

Em *Igualzinho a mim*, Ana Maria Machado apresenta a seus pequenos leitores o princípio básico dos direitos humanos: a ideia de que temos direitos e necessidades iguais, mesmo sendo muito diferentes. A dança entre igualdade e diferença proposta pelo livro se desenha de maneira ao mesmo tempo simples e complexa. Afinal, não dá para falar de igualdade sem lembrar que a gente vive num mundo espantosamente heterogêneo, no qual povos com diferentes línguas, tradições e hábitos precisam conviver. Ao mesmo tempo em que as diferenças culturais precisam ser



Coordenação:
Maria José Nóbrega

respeitadas, é necessário também combater os abismos severos de desigualdade social, que fazem com que algumas pessoas cresçam de maneira protegida, enquanto outras atravessam uma infância dura e brutal. Lembrar que somos todos fundamentalmente iguais, apesar das diferenças de cor de pele e de modo de vida, é lembrar que não é justo que alguns tenham mais direito à vida do que outros.

As belas ilustrações de Maria José Arce contribuem muito para enriquecer a discussão do livro, trazendo uma enorme diversidade de personagens com diferentes tons de pele, cortes de cabelo e maneiras de se vestir – e que no decorrer do livro vão se tornando capazes de olhar uns para os outros, se aproximar, dividir o mesmo espaço – e até mesmo de se desentender e se reaproximar. A autora e a ilustradora parecem apostar que a empatia, a capacidade de se reconhecer no outro, é um elemento-chave para que a gente possa construir um mundo mais acolhedor para todos os



seus habitantes.

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Ana Maria Machado escreve livros há muito tempo. Eu, quando criança, li um bom bocado de livros dela. Então, me digam, como é que ela consegue até hoje contar histórias tão novas, tão atuais, tão leves e ainda tão bonitas?

Me surpreende muito o grau de frescor e de experimentação que Ana Maria Machado e Maria José Arce alcançam nessa obra, *Igualzinho a mim*.

Para meus filhos, o processo de leitura foi bastante surpreendente também. Começamos a leitura juntos, no sofá, eu no meio, minha filha de um lado, meu filho de outro. Eu lia e eles observavam.

Na décima terceira página, o mais velho, num rompante quase gritado: “Não! Espera! Volta! São os mesmos! Pai, são os mesmos da outra página!”.

Voltamos. A pequena resolveu participar: “Volta mais, pai! Olha!” e apontou para as páginas 8 e 9. “Espera!”, retornou o menino, virando mais uma página para trás, “São eles! É a história deles!”.

Antes que pudéssemos retomar a leitura, o guri me tomou o livro das mãos e avançou todas as páginas, para ter certeza de que estava entendendo

o processo. Página por página, sem que eu ou eles lêssemos a história, foram avançando e observando as ilustrações. Contaram a história da menina e do menino que moram em lugares diferentes, ficam amigos, brigam, mas seguem amigos. Terminado esse pequeno surto, meu filho me devolveu o livro, aberto nas páginas 12 e 13: “pode ler, pai.”.

Eu, voltando a ser incluído no universo das crianças, li com calma e tranquilidade o livro até o fim. Quando acabei, meu filho estava com o cenho franzido. Pela terceira vez, ordenou: “Espera!”.

Esperei. Ele pegou mais uma vez o livro das minhas mãos, abriu-o nas páginas 20 e 21 e pediu que eu lesse de novo. (Vejam, ele sabe ler, sabe o que está escrito em cada uma das páginas, mas há um tipo de código que ele e a irmã criaram sobre ler livros comigo, em que o livro deve estar nas minhas mãos ou colo e cada um deles de um lado.)

Apenas obedeci. Li aquele pequeno trecho “Adora brincar com amigo, / Precisa de proteção / Na ameaça ou no perigo.”. O garoto, do alto de seus 8 anos e meio de idade, ainda de cenho franzido, olhando fixamente para a linda ilustração da piscina na qual (como ao longo de toda a obra, diga-se) Maria José faz uso de texturas orgânicas e geométricas, cores vibrantes, manchas de tinta e traços delicadíssimos, meu filho declarou: “os desenhos são a história deles e as palavras são uma poesia sobre a história deles”.



Depois disso, não havia mais nada que eu pudesse acrescentar sobre este livro tão vivo e tão importante para os tempos em que vivemos.

Fechei o livro e fomos viver mais um dia em nossa luta incessante por mais igualdade, mais respeito e mais poesia.

Um pouco sobre a autora

Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro. São quase quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados no Brasil e em mais de dezessete países, somando mais de dez milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela já perdeu a conta.

A escritora vive viajando por todo o Brasil e pelo mundo inteiro para dar palestras e ajudar a estimular a leitura. Depois de se formar em Letras, começou sua vida profissional como professora em colégios e faculdades. Também já foi jornalista e livreira. Desde muito antes disso, é pintora e já fez exposições no Brasil e no exterior.

Mas Ana Maria Machado ficou conhecida mesmo foi como escritora, tanto pelos livros voltados para adultos como por aqueles voltados para crianças e jovens. O sucesso é tanto que em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Finalmente, a coroação. Em 2000, Ana Maria ganhou o

prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. E em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Em 2003, Ana Maria teve a imensa honra de ser eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.

Leia Mais

Da mesma autora e série

- ✦ *Fim de semana*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quando eu crescer...* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quem sou eu?*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Um, dois, três, agora é sua vez!*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Amoras*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Poeminha em língua de brincar*, de Manuel de Barros. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Da minha janela*, de Otávio Júnior. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Quase ninguém viu*, de Aline Abreu. São Paulo: Jujuba.